

O presente número de *Matraga* acolhe estudos em torno da retórica. Em sua organização, orienta-se pela ordem cronológica dos assuntos desenvolvidos pelos colaboradores, iniciando-se pela ampla reflexão de João Adolfo Hansen sobre o tema. Como este, entenderam os pareceristas chamados a avaliar os artigos propostos à publicação que “a retórica” “significa uma qualidade, a qualidade própria das técnicas da longa duração da instituição retórica greco-romana, que especifica mimeticamente os enunciados dos regimes discursivos da oratória antiga”, bem como “os enunciados dos gêneros poéticos e os preceitos de outras artes não discursivas”. Portanto, aceita-se a relação intrínseca da arte retórica com a arte poética (e não só), já que, “como todos os gêneros poéticos e oratórios são produzidos como enunciados contingentes, todos são retóricos”.

Esses “enunciados contingentes”, em sua relação com a tradição clássica das artes do discurso, são observados, nos cinco estudos subsequentes, em obras dos séculos XVI a XVIII. Assim, Lavinia Silves observa exemplos de emulação e agudeza em Shakespeare; Marcello Moreira atém-se ao uso de barbarismos com finalidades satíricas em Gregório de Matos e Guerra, levando em consideração as preceptivas gramaticais do período; Marcus De Martini analisa as relações do historiador com o profeta, através dos recursos retóricos, na *História do Futuro* do Padre Antônio Vieira; Maria do Socorro Fernandes de Carvalho focaliza o caráter misto da composição dos gêneros, no caso da poesia, em soneto de Francisco de Vasconcelos, confrontado com Camões e Virgílio; e Márcia Seabra destaca ressonâncias da retórica clássica na codificação e concretização literária da fábula.

Seguem-se dois ensaios centrados no século XIX. O de Carlos Eduardo de Almeida se atém à retórica dos discursos decorrentes de polêmicas literárias, profusas no sistema literário brasileiro principalmente a partir de meados daquele século; o de Vinícius Carvalho Pereira, por sua vez, analisa a poética do grupo francês da década de 60, Oulipo, sublinhando-lhe a clara filiação aos *rhétoriciens* dos séculos XV e XVI e à *contrainte* como jogo retórico.

Fecham o circuito dois ensaios que dizem respeito a realizações do século XX: Pedro Dolabela Chagas se reporta aos desdobramentos dos estudos de retórica realizados por Franco Moretti, destacando sua importância para os estudos literários, enquanto Gerson Tavares do Carmo relata uma experiência, efetivada com a sua equipe de pesquisadores, relativa à composição do gênero “carta do leitor”, evidenciando-lhe os elementos argumentativos, na esteira da tradição retórica antiga.

Encerram o número duas resenhas. A primeira, elaborada por Maria Isabel Morán Cabanas, debruça-se sobre o título *Fernão Lopes e a retórica medieval*, de Maria do Amparo Tavares Maleval (2010), que analisa obra do primeiro cronista-mor português, do século XV, à luz da retórica clássica e sua atualização nos primórdios da Dinastia de Avis. A segunda, da autoria de Christina Ramalho, atém-se à coletânea *Tradición y traducción clásicas en América Latina*, organizada por Claudia Fernández e Helena Maquiera (2012), que apresenta estudos de autores vários, envolvidos no projeto de pesquisa do mesmo título, demonstrando a perpetuação de obras e lições dos clássicos no mundo latino-americano e analisando-lhe as nuances.

Colocam-se assim ao alcance do leitor algumas das muitas reflexões que na atualidade se realizam sobre a retórica, disciplina que vem sendo revalorizada nas últimas décadas a ponto de consolidar-se não só mediante obras realizadas por especialistas da maior monta, mas também por retornar a alguns currículos acadêmicos e dar azo ao surgimento de uma multiplicidade de associações nacionais e internacionais, fóruns de debates privilegiados para os que se dedicam ao estudo do discurso de forma mais abrangente.

Maria do Amparo Tavares Maleval
Fátima Cristina Dias Rocha
Editoras